

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
CURSO DE PEDAGOGIA

PRICILA SANTANA HIRAI

**O DESENHO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE
CÉLESTIN FREINET**

MARINGÁ

2011

PRICILA SANTANA HIRAI

**O DESENHO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE
CÉLESTIN FREINET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado

MARINGÁ

2011

PRICILA SANTANA HIRAI

**O DESENHO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE
CÉLESTIN FREINET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Cristina Gomes Machado
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Analete Regina Schelbauer
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Tânia dos Santos Alvarez da Silva
Universidade Estadual de Maringá

Maringá, 16 de Novembro de 2011

Dedico este trabalho aos meus pais, Lourdes e Paulo pelo incentivo, carinho e apoio durante toda essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu vida e que me dá forças para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos, sonhos e planos.

À orientadora Prof. Dra. Maria Cristina Gomes Machado pelo incentivo e dedicação, por todas as orientações e todos os conhecimentos transmitidos para realização deste trabalho.

À minha querida sobrina Ana Clara pela alegria contagiante de todos os dias.

Ao Danilo, meu namorado, amigo e companheiro pela paciência, força e incentivo.

À Universidade Estadual de Maringá , aos professores e ao curso de Pedagogia.

Às minhas queridas amigas, Larissa e Angélica pelo afeto verdadeiro e pelo companheirismo. Obrigada por estarem sempre ao meu lado me apoiando em cada decisão, tenham certeza que é com saudade que lembrarei de cada momento que com vocês dividi nesses quatro anos.

Em especial a minha grande amiga Mariana, que de tão semelhantes mais parecemos irmãs, obrigada pela alegria de cada dia, o carinho e todos os momentos de aprendizagem que compartilhamos. Te conhecer neste curso foi um presente grandioso, te digo com toda certeza: VALEU A PENA.

O DESENHO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE CÉLESTIN FREINET

Pricila Santana Hirai

Maria Cristina Gomes Machado – orientadora

Resumo

O trabalho de pesquisa que segue investiga a importância do desenho para a formação da criança, na perspectiva de Célestin Freinet (1896-1966). Para tanto, estudou-se a obra “O método natural II: a aprendizagem do desenho”, publicado em 1969, na França. Neste livro o autor expõe o método natural da tentativa experimental, apresenta desenhos feitos por alunos segundo seu método, além de destacar as etapas desenvolvidas pela criança na tentativa do aperfeiçoamento do desenho. O trabalho apresenta a situação educacional do século XX, período no qual a obra foi escrita, dialoga com o tempo histórico do autor e enfatiza a problemática educacional de sua época, para compreender a importância da pedagogia Freinet para a educação. Ao analisar a obra, encontra-se qual a relevância atribuída pelo autor aos desenhos, entendendo-os como própria expressão infantil, e seu método natural baseado na tentativa livre da criança, este método é universal, pois, segundo o autor, por meio dele a criança aprende não só desenhar, mas andar, falar e escrever. Chegou-se a conclusão que o ato de desenhar é fundamental para a criança, e deve ser explorado nas escolas, uma vez que contribui para o desenvolvimento infantil e é um meio de expressão tão rico quanto à escrita.

Palavras-chave: Educação. Método de ensino. Desenho. Célestin Freinet.

Abstract

The research that follows investigates the importance of the design for the education of children from the perspective of Célestin Freinet (1896-1966). For that, we study the book "The Natural Method II: learning design", published in 1969 in France. In this book the author exposes the natural method of trying experimental features of drawings made by students according to their own method, and highlights the steps carried out by the child in an attempt to improve the design. The paper presents the educational situation of the twentieth century, during which the work was written. It also goes over the author's historical time and emphasizes the educational problems of his time to understand the importance of Freinet pedagogy for education. In reviewing the work, we could see the importance given by the author of the drawings, understanding them as their own child deeds. And the author's natural method is based on the free trial of the child; this method is universal, because, according to the author, through it the child learns not only design, but walking, speaking and writing. We have come to the conclusion that the act of drawing is fundamental to the child, and should be explored in schools, since it contributes to children's development and is a means of expression as rich as the writing.

Keywords: Education. Method of teaching. Drawing. Célestin Freinet.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo compreender a importância que Célestin Freinet¹ (1896-1966) atribuía ao desenho para a formação da criança e seu método de ensino, para tanto foi analisado o livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho”, escrito por Freinet e publicado em 1969 por sua esposa Elise Freinet na França, o livro foi traduzido para o português em 1977.

Pretende-se com essa pesquisa, conhecer a pedagogia de Célestin Freinet; compreender o contexto educacional do século XX e a influência do movimento da Escola Nova para o autor, bem como conhecer seu método de ensino.

Quanto à obra que se toma como objeto para este estudo, pode-se dizer que ela trata do método natural do desenho defendido por Freinet, o livro está dividido em duas partes, a primeira intitulada “O método natural do desenho”, no qual o autor faz uma introdução a este método definindo o que é o desenho para a criança. Na segunda parte, intitulada “As gêneses do desenho” Freinet faz uma introdução a essas gêneses e em seguida explica cada uma delas.

Deste modo, estudou-se cada um dos itens citados, anteriormente, com vistas a responder as seguintes indagações: Qual a importância que Freinet atribuía para o desenho na formação da criança? Como era seu método de ensino do desenho e como era aplicado em crianças nos anos iniciais de escolarização?

No decorrer do livro, Freinet discorre a respeito do método natural do desenho, no qual de acordo com o autor a criança por meio de tentativas aperfeiçoa seu traçado e evolui nos seus grafismos, sem regras e sem correções, apenas com incentivo e estímulos.

¹ “Célestin Freinet nasceu na França em 15 de outubro 1896, na aldeia de Gars, em 1914 foi convocado para a Primeira Guerra Mundial, no ano seguinte foi ferido em um dos pulmões, o que resulta no abandono ao exército. Começou a trabalhar com educação em 1920, neste momento fez críticas a Escola Tradicional difundindo a ideia de uma Escola Moderna, fundamentada em filosofia de vida libertadora e revolucionária. Criou em 1928 a CEL, Cooperativa de Ensino Laico, cuja função era gerir pedagógica e financeiramente a cinemateca, o rádio e a imprensa escolar, todos instrumentos usados em classe, uma atitude revolucionária para a educação na época. Abriu uma escola em Vence, recebendo crianças de Paris e jovens refugiados espanhóis, vítimas da Guerra Civil. Essa atitude revolucionária se tornou uma característica peculiar do trabalho de Freinet, ele já primava pelo respeito à individualidade, a afetividade e as relações sociais que se tratavam fora e dentro da sala de aula. Em 1940 foi perseguido e preso em um campo de concentração por se envolver em questões políticas e sociais da França. Conseguindo sair com a ajuda dos educadores amigos, Freinet, sua mulher Élise e sua filha Baloulette, passam a viver escondidos com os Maquis o movimento clandestino francês. Foi nesse período que começou a escrever os primeiros livros sobre sua pedagogia. Após este período retornou a Vence e conseguiu reorganizar sua escola e iniciou neste momento uma série de conferências por vários países que mobilizaram um grande número de adeptos ao que hoje conhecemos por Movimento Freinet. No dia 8 de Outubro de 1966, Freinet morre em Vence, e é enterrado em Gars, sua cidade Natal. Em 1957 foi criada a FIMEM (Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna) que no momento tem Movimentos Freinet em 42 países, incluindo o Brasil”. (Disponível em: <<http://freinet.org.br/ohomem.htm>> acesso em: 12 abril de 2011).

De acordo com Sampaio (1994), Freinet foi um revolucionário que marcou época, sua proposta era inovadora, seu objetivo básico era desenvolver uma escola popular, na qual a criança era considerada o centro da educação, pois a educação não começa na idade da razão, mas sim desde que a criança nasce.

Durante toda sua vida Freinet escreveu inúmeros livros, dentre os quais defendia como tema principal uma escola centrada na criança, a tentativa nas atividades, o prazer em estudar, e acima de tudo os direitos da criança. Entre os direitos defendidos por Freinet (1977), encontra-se o da livre expressão por meio de diferentes linguagens e o direito ao contato com a natureza e com as inovações tecnológicas.

Nascimento (1995, p. 42) afirma que o método natural de Freinet “[...] fundamenta-se nos modos de vida e de trabalho no meio escolar, ou seja, do meio vivo. Esse método deve resultar de uma reconsideração permanente e experimental dos problemas que a vida coloca.”

Em seu livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho”, no qual este estudo tem foco, Freinet destaca a importância do desenho para a formação da criança, defendendo um método para tal, o da livre expressão e da tentativa.

Deixamos a criança desenhar livremente desde a mais tenra idade, a partir dos dois ou três anos. Vemos o lápis começar por mover-se ao acaso sobre a folha. Depois surge uma semelhança, nasce o primeiro êxito, que a criança repetirá até o automatismo. Seguir-se-ão outras tentativas, obter-se-ão outros êxitos, as tentativas falhadas serão automaticamente abandonadas. (FREINET, 1977, p. 23).

Entendendo Freinet como um inovador da educação do século XX, cujo objetivo principal era desenvolver uma escola para o povo. Sampaio (1994) afirma que:

Freinet foi um professor do povo, questionava as tarefas escolares repetitivas e enfadonhas, opostas aos jogos (atividades lúdicas, recreio), demonstrando como essa dualidade presente na escola reproduzia a dicotomia trabalho/prazer, gerada pela sociedade capitalista industrial. (SAMPAIO, 1994, p. 45).

Sua técnica, seus fundamentos pedagógicos são seguidos até hoje por todo o mundo, ou seja, Freinet deixou sua marca na história, sua concepção sobre educação, e seus métodos de ensino, sobretudo, o método experimental, merecem estudo, por este motivo que este trabalho se faz necessário.

O percurso histórico da vida de Freinet é um ponto importante em nosso estudo, pois acredita-se que para entender sua proposta educacional é interessante acompanhar sua trajetória pedagógica, entendendo a problemática educacional de sua época e como foi se configurando o pensamento pedagógico do século XX.

Sendo assim, analisa-se o contexto educacional do século XX, período em que a obra estudada foi escrita, com o intuito de pontuar como a educação desenvolveu-se na contemporaneidade. Permitindo entender o contexto educacional em que se encontrava Freinet ao escrever o livro.

Ao longo da primeira metade do século XX, de acordo com Hilsdorf (2005) deparou-se com a retirada do protagonismo da família na educação das crianças e jovens. Essa educação passa a ser assumida por duas novas instituições escolares, o colégio secundário e a escola elementar, que ficou encarregada da função de transmissão de saberes e de conhecimentos técnicos e valores.

No século XX tanto as ciências humanas como as instituições educativas burguesas colocaram a criança no centro da pedagogia. Com isto a infância passa ser vista como idade que exige cuidados diferentes em relação à idade adulta, as crianças são portadoras de valores próprios. Deste modo, segundo Cambi (1999), a criança tornou-se sujeito educativo por excelência.

Este pensamento acompanhará os pensadores escolanovistas e se apresentará com forte evidência na proposta pedagógica de Célestin Freinet, que carrega consigo um posicionamento político claro, sua proposta de uma pedagogia popular traz sua “[...] parte prática precedida por uma declaração de intenções cujo alcance é revolucionário” (FREINET, 1995, p.3).

Cambi (1999, p. 584) escreve que Freinet e outros pensadores do movimento da escola nova, contribuíram de forma significativa elaborando sugestões essenciais tanto para as didáticas disciplinares quanto para avaliação, delineando assim um novo aspecto da relação educativa, abrindo a lógica experimental, bem como a contextualização institucional na qual sempre se coloca a relação docente-discente.

Este estudo justifica-se pelo interesse em compreender a pedagogia Freinet, bem como entender seu método natural quanto à manifestação artística infantil e a importância que ele atribuía para a formação da criança. Deste modo, pretende-se com esta pesquisa destacar os pensamentos de Freinet e a contribuição de seus estudos para a educação.

Para tanto, essa pesquisa teve caráter bibliográfico, baseada no estudo do livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho” de Célestin Freinet, bem como outras obras do autor nomeado e demais autores que estudaram a pedagogia freinetiana. Ainda buscou-se fontes que tratavam do século XX e os marcos pedagógicos deste período.

Portanto, este estudo será dividido em duas partes, na primeira relaciona-se o tempo histórico em que o livro foi escrito, dando ênfase em como se encontrava a educação e a sociedade no período; a segunda parte será uma análise do que Célestin Freinet escreve a respeito do método natural do desenho, as etapas de evolução do grafismo e a importância de se desenhar segundo o método experimental.

Freinet e a Escola Nova no contexto do século XX

Para apresentar o cenário educacional do século XX, foi necessário recorrer à história da educação, pois, é importante compreender as mudanças ocorridas nesse século para entender em qual momento histórico Freinet escreveu o livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho”, nosso objeto de estudo. Por meio da análise histórica é possível compreender como a educação desenvolveu-se durante a contemporaneidade, entendendo assim a singularidade da escola e da sociedade moderna.

Franco Cambi (1999) apresenta que o século XX foi um século dramático, conflituoso e inovador em cada aspecto da vida social. Pode-se afirmar, pautados nesse autor que foi o século do homem novo, que corresponde ao homem massa. A escola nesse século sofre processos de profunda transformação, pois abre-se às massas, nutre-se de ideologia e afirma-se cada vez mais como central na sociedade.

Ao longo da primeira metade do século XX, de acordo com Hilsdorf (2005), depara-se com a retirada do protagonismo da família na educação das crianças e jovens. Essa educação passa a ser assumida por duas novas instituições escolares, o colégio secundário e a escola elementar, que ficou encarregada da função de transmissão de saberes e de conhecimentos técnicos e valores.

Dessa forma, a autora julga necessário compreender que a infância por meio das transformações sociais, torna-se a idade fundadora da vida. Durante o século XX, as famílias deixaram de assumir a função educadora, função esta, delegada agora às instituições de ensino.

De acordo com Cambi (1999), é nesse momento que na história da pedagogia surge o movimento conhecido como Educação Nova. Cambi (1999) e Manacorda (1989) enfatizam que o movimento da Educação Nova está relacionado com o desenvolvimento industrial, mas seu vínculo maior encontra-se no desenvolvimento da criança. Deste modo, as escolas apresentaram associadas à espontaneidade infantil, a necessidade de aderir à evolução de sua psique, e acompanharam a abertura de processos científicos que trabalham a psicologia infantil.

Manacorda (1989) apresenta que ao lado da industrialização e dos movimentos nas classes sociais, ao lado da consciência de classe que ela veio produzir, a contemporaneidade é também a época dos direitos, do seu reconhecimento teórico e de sua afirmação prática. Com relação a isso, Freinet escreve que “[...] são direitos dos homens, do cidadão, da criança, da mulher e do trabalhador.” (FREINET, 1995, p. 379).

No que remete às crianças, Freinet (1995, p.80) afirma que elas devem construir seu próprio conhecimento, e o adulto deve apenas contribuir quando for solicitado no processo de ensino-aprendizagem. “Ajudar a criança, manter nela o desejo e a necessidade do trabalho, deixar que seja ela a interrogar e a pedir conselhos, e arranjos as coisas de maneira que lhe faça o bem [...] é triunfante, para que possa admirar o resultado do próprio esforço.”

Cabe à escola, nesse contexto proporcionar unificação social, mediante o papel de socialização do conhecimento, ou seja, a escola assumiu um papel determinante na vida social e na organização política da contemporaneidade, um papel de fortalecimento da vida coletiva, “[...] trata-se de uma centralidade que se ampliou com as transformações ocorridas na família e no Estado, além da sociedade civil, ligada também à necessidade de dar vida aquele homem-cidadão que é, de certo modo, a meta e desafio o do mundo moderno.” (CAMBI, 1999, p.401).

Como já dito, no século XX houveram algumas transformações, e a criança passou a ser o centro da pedagogia. Deste modo destaca-se:

[...] a criança tornou-se sujeito educativo por excelência, reclamando uma rearticulação das instituições educativas, reclamando o jardim-de-infância ao lado da escola, porque é justamente na idade pré-escolar que se desenvolve o germe da personalidade humana. (CAMBI, 1999, p. 387).

Nesse contexto, os escolanovistas contribuíram de modo significativo com suas produções, pois fez-se necessário a produção de uma teorização pedagógica que soubesse respeitar cada fase da criança.

Com relação ao movimento da Escola Nova, de acordo com Cambi (1999), embora elas nasçam e se desenvolvam como experimentos isolados, ligados a condições particulares e a personalidades excepcionais de educadores, elas, justamente porque tiveram imediatamente ampla ressonância no mundo educativo, propiciaram uma série de pesquisas no campo da instrução, destinadas a transformar a escola, não só no seu espaço organizativo e institucional, mas também, e talvez, sobretudo, no aspecto ligado aos ideais formativos e aos objetivos culturais.

A característica comum e dominante das Escolas Novas deve ser identificada ao recurso à atividade da criança. A infância, segundo alguns educadores escolanovistas do século XX, entre eles Freinet, deve ser vista como uma idade pré-intelectual, na qual os processos cognitivos se entrelaçam estreitamente com a ação e o dinamismo, não só motor, mas psíquico da criança.

A criança, afirma Cambi (1999, p.514), “[...] é espontaneamente ativa e necessita, portanto ser libertada dos vínculos da educação familiar e escolar, permitindo-lhe uma livre manifestação de suas inclinações primárias”.

Manacorda (1989, p. 305) apresenta que nas Escolas Novas, a espontaneidade, o jogo e o trabalho são elementos educativos sempre presentes. “São frequentemente escolas no campo, equipadas com instrumentos de laboratório, baseadas na cooperação, onde se preocupa em respeitar e estimular a personalidade da criança”.

Portanto, o conhecimento da psicologia infantil, tanto da criança individual como da infância e da adolescência em geral, como idade que tem em si suas leis e suas razões de ser, são temas essenciais da pedagogia das Escolas Novas. O trabalho nessas escolas aponta Manacorda (1989, p. 305), está relacionado com o desenvolvimento da criança, “[...] não é preparação profissional, mas elemento de moralidade e, junto, de moralidade didática.”

Os representantes destas tendências são os críticos da educação tradicional, entre eles encontra-se Freinet. Estes representantes escolanovistas afirmavam que a escola deveria ser o lugar no qual as crianças vivessem felizes, em que tivessem a liberdade de criar, de viver em sociedade, de exprimir-se enquanto crianças, e onde, ao mesmo tempo, fossem preparadas de modo completo e científico para participar da vida e da sociedade.

Nesse sentido, Freinet defende a pedagogia da livre expressão, Sampaio apresenta:

Na Pedagogia Freinet, a livre expressão, em todas as manifestações da criança e do professor, define uma postura pedagógica que torna a escola um verdadeiro lugar de vida e de produção, onde se faz a aprendizagem da democracia pela participação cooperativa. A livre expressão é acompanhada

de responsabilidade; a criança exerce a liberdade, mas arca com tudo o que ela comporta: frustrações, limitações e necessidade de organização para o desenvolvimento do trabalho. (SAMPAIO, 1994, p. 210).

O século XX organizou-se a partir de um novo modelo de educação, que integra experimentação e reflexão crítica, valorizando, como apresentado por Sampaio (1994) ao citar Freinet, uma pedagogia livre, na qual a criança pudesse se expressar e aprender a democracia pela participação cooperativa.

Para Cambi (1999) as atividades realizadas nas Escolas Novas dão ênfase em como a criança aprende, são atividades criativas, entre as quais a criança podia escolher livremente, os musicais e atividades artísticas, os jogos, o laboratório e a imprensa. “A importância do trabalho criativo deve ser vista, sobretudo na capacidade que ele tem de estimular a criança a diferenciar-se dos colegas, a desenvolver suas próprias atitudes e a descobrir as próprias vocações.” (CAMBI, 1999, p. 523). Ainda o autor afirma que o movimento das Escolas Novas do século XX encontraram em anos mais recentes, uma interpretação bastante rica e equilibrada dos próprios princípios na posição de Freinet, que elaborou não só métodos didáticos bastantes significativos, mas também, uma reflexão a respeito dos fundamentos teóricos e as implicações políticas características da educação nova.

Freinet, alerta Cambi (1999), situa-se numa fase menos entusiasta e menos espontânea do movimento das escolas novas, pondo claramente em foco as implicações sociais da experiência infantil. Suas propostas educativas resultam dos motivos enunciados e defendidos por todo o movimento da renovação escolar, afirmando com vigor nos primeiros decênios do século XX.

É importante salientar que a pedagogia Freinetiana é resultado de duas vertentes teóricas, por um lado em função de sua militância político-sindical de base marxista imprimiu em sua pedagogia um caráter social na busca da construção de uma escola do povo, popular e moderna. Por outro lado, adotou os princípios pedagógicos da Escola Nova, movimento liderado pelo americano John Dewey. Sua maneira de entender a educação possibilitou-lhe desenvolver uma pedagogia com propostas aninhadas nas contribuições mais inovadoras, tanto no campo da psicologia, pedagogia, como da sociologia e da política de seu tempo. (SAVELI; ALTHAUS; TENREIRO, 2005).

A proposta pedagógica de Freinet, construída sob a base da experimentação fornece à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver a sua ação. Sua proposta de uma pedagogia popular traz sua “[...] parte prática precedida por uma declaração de intenções cujo alcance é revolucionário.” (FREINET, 1995, p.3).

Com relação a essa proposta, construída sob a base da experimentação, Freinet apresenta:

Nenhuma, absolutamente nenhuma das grandes aquisições vitais se faz por processos aparentemente científicos. É a caminhar que a criança aprende a andar; é falando que aprende a falar; é desenhando que aprende a desenhar. Não cremos que seja exagero pensar que um processo tão geral e tão universal deve ser igualmente válido para todos os ensinamentos. [...] todos os processos, não só das crianças e dos homens, mas também dos animais, do mais pequeno ao maior, fazem por este processo universal da tentativa experimental. (FREINET, 1977, p. 14-15).

No Brasil, no século XX, um grupo de intelectuais encontravam-se preocupados com a instrução pública, eram médicos, cientistas, engenheiros e outros profissionais com ideias de propagar um movimento cultural e educacional no país, esse grupo fazia parte da Associação Brasileira de Educação (ABE), a primeira entidade nacional a assumir preocupações com a educação nacional.

Carvalho (1997), o objetivo da ABE era mostrar que o analfabetismo não era o grande culpado pelo atraso do país, mas o verdadeiro culpado é a elite mal preparada que governa o país, esses sim, semi-alfabetos. Eles defendiam a ideia de que a educação deveria pautar-se nos ideais de higiene, bons costumes, moral e economia que juntamente com a alfabetização, comporiam um projeto de nacionalidade.

Foi nesse contexto que o movimento da Escola Nova foi formalmente apresentado em 1932 no Brasil, por um grupo de intelectuais por meio do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Cunha (2000) escreve que o americano John Dewey inspirou esse movimento, liderado no Brasil por Anísio Teixeira, ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

Esse documento defendeu a importância da educação para o progresso nacional brasileiro em bases democráticas em um período caracterizado pela implantação de um novo projeto nacional de desenvolvimento. Conforme Xavier (2002) o Manifesto tornou-se um marco na educação do Brasil:

[...] funcionando como estratégia de legitimação do grupo de educadores mais efetivos ao projeto de modernização da sociedade brasileira, o Manifesto surge carregado de um verdadeiro arsenal simbólico que atua no imaginário social, construindo uma memória educacional que tem no próprio Manifesto o marco da renovação educacional no Brasil. (XAVIER, L., 2002, p. 8-9)

Neste cenário foi que a Escola Nova propôs maior atenção aos processos de aprendizagem do que aos conteúdos até então valorizados, criticando o tradicionalismo pedagógico, que até então era hegemônico e marcado por uma cultura educacional que os escolanovistas acusaram de verbalista e enciclopédica. De acordo com Jorge Nagle:

[...] o escolanovismo pretende deslocar o educando para o centro das reflexões escolares. Daí resulta em profunda alteração dos padrões em que sustentava a chamada escola tradicional: são novos valores e princípios a fundamentar a organização escolar, novos modos de relacionamento entre professor e alunos, novo significado das matérias ou disciplinas, novos métodos. Enfim, um novo modelo de educação. (NAGLE, 1978, p. 265).

O Manifesto tinha como propósito, segundo Xavier (2002), uma reconstrução educacional voltada ao desenvolvimento integral do indivíduo, baseada numa educação no qual o aluno não seria um reprodutor de ideias prontas, mas sim, um agente transformador do conhecimento. Havia no manifesto uma preocupação em transmitir valores e formar cidadãos instruídos para a vida, que tivessem consciência de seu papel na sociedade, ou seja, a concepção educacional ia além da ideia de transmissão de conteúdos.

O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, ao compreender a escola como espaço institucional que deve oferecer educação popular igualitária para todos, com qualidade, gratuita e de obrigação do Estado, pensa na formação das habilidades necessárias para uma participação efetiva e influente na sociedade, que não seja simplesmente saber ler e escrever, mas habilidades como pessoas críticas e capazes de refletir sobre os problemas e efetivar ações na sociedade.

A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar "a hierarquia democrática" pela "hierarquia das capacidades", recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. Ela tem, por objeto, organizar e desenvolver os meios de ação durável, com o fim de "dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento", de acordo com uma certa concepção do mundo. (MANIFESTO, 1932, p. 42).

Xavier (2002) escreve que a educação, para os Pioneiros, necessitava de finalidade no projeto de uma nova sociedade, finalidade essa que se revelaria e sustentaria em novos fundamentos filosóficos e científicos da educação. Aponta-se, no “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, a falta em quase todos os planos e iniciativas anteriores, para a reconstrução

educacional, a determinação dos fins de educação e da aplicação dos métodos científicos aos problemas de educação.

Esse movimento de renovação educacional ocasionado pelos Pioneiros inaugurou uma série de ideias, agitando o ambiente para as primeiras reformas dirigidas para uma nova direção. Multiplicaram-se as associações e iniciativas escolares para debater tal assunto, pondo em circulação novas ideias e transmitindo aspirações novas com um caloroso entusiasmo.

Os pioneiros eram favoráveis a uma educação pública, gratuita, obrigatória, laica e mista. O dever de educar a população antes responsabilidade das famílias, passam a ser do Estado. Assentado o direito de cada indivíduo à sua educação integral, cabe ao Estado a organização dos meios de o tornar efetivo, por um plano geral de educação, que se torne a escola acessível a todos.

A educação que é uma das funções de que a família se vem despojando em proveito da sociedade política, rompeu os quadros do comunismo familiar e dos grupos específicos (instituições privadas), para se incorporar definitivamente entre as funções essenciais e primordiais do Estado. [...] o Estado, longe de prescindir da família, deve assentar o trabalho da educação no apoio que ela dá à escola e na colaboração efetiva entre pais e professores, entre os quais, nessa obra profundamente social, tem o dever de restabelecer a confiança e estreitar as relações, associando e pondo a serviço da obra comum essas duas forças sociais - a família e a escola, que operavam de todo indiferentes, senão em direções diversas e às vezes opostas. (MANIFESTO, 1932, p.47).

Deste modo, o Manifesto é entendido como um documento importante para o movimento de renovação nacional do século XX, voltado para o estudo dos problemas educacionais brasileiros. Este documento é expressivo por defender uma escola pública e gratuita, bem como defender o reconhecimento da educação como problema do Estado.

Neste contexto de mudanças no Brasil e também na França, no qual deu início a Escola Nova, como aquela que negou a Tradicional e substituiu a ênfase nos conteúdos pela valorização dos processos de aprendizagem. Segundo Saviani (1983), este movimento escolanovista não conseguiu eliminar os problemas da educação, uma vez que organizou-se basicamente em forma de escolas experimentais ou com núcleos raros, direcionadas a pequenos grupos da elite. O autor alerta sobre o lado negativo do escolanovismo:

[...] contribuiu para o afrouxamento da disciplina e com a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou a absorção do escolanovismo pelos professores por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas

populares e aprimorar a qualidade de ensino, apenas para a elite. (SAVIANI, 1983, p.10).

O tipo de escola, na qual o professor agiria como o estimulador da aprendizagem, e a iniciativa deveria partir do interesse e da própria iniciativa do aluno, e ainda o ambiente estimulante deveria estar dotado de materiais didáticos ricos, bibliotecas de classe e haveria a substituição de um lugar silencioso e disciplinado, por um alegre e barulhento, não conseguiu mudar o panorama educacional dos sistemas escolares. Isso porque, além de outras razões, implica custos bem mais elevados do que os da Escola Tradicional.

Freinet e o desenho infantil

Freinet, em seu livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho” apresenta sobre o grafismo infantil e seu método natural da tentativa experimental, e ressalta a importância atribuída ao desenho para a formação das crianças.

O livro analisado está dividido em duas partes, a primeira tem como título “O método natural do desenho”, no qual Freinet faz uma introdução a este método definindo o que é o desenho para a criança. Na segunda parte intitulada “As gêneses do desenho”, o autor faz uma introdução a essas gêneses e em seguida explica cada uma delas. Opta-se por apresentar a Gênese do Cavalo, já que todas as outras citadas na obra passam pelo mesmo processo de evolução e desenvolvimento².

A nossa época, inicia Freinet (1977, p. 19), preocupada com a educação popular, superou a fase que a educação artística visava apenas talentos excepcionais. “Encontramo-nos todos em busca dos métodos pedagógicos que melhor poderão desenvolver e promover as aptidões artísticas da massa infantil”.

Segundo Freinet (1977), o bom senso e a experiência demonstram que não é pela explicação intelectual, pelos discursos, regras e leis, que se faz uma aquisição, mas sim pelo mesmo processo geral universal de tentativa experimental que tem, desde sempre, regido à aprendizagem da língua e da escrita.

² Na obra “O método natural II: aprendizagem do desenho”, Freinet apresenta a Gênese do Homem, Gênese das casas, Gênese dos automóveis, Gênese das aves e a Gênese dos cavalos. Todas as Gêneses passam pelo mesmo processo de desenvolvimento, ou seja, o método utilizado em todos os desenhos é o da tentativa experimental, defendido por Freinet.

Isso não significa, escreve o autor, que uma aquisição seja sempre fruto exclusivo de uma tentativa experimental pessoal. Em determinada fase, o indivíduo apropria-se por imitação, por observação ou por leitura da experiência alheia, da experiência presente e passada das gerações. Porém, essa apropriação opera-se agora à base e em função da experiência pessoal que continua a orientar a tentativa. É por meio desta tentativa experimental e não recorrendo às lições tradicionais que, segundo Freinet (1977), as crianças de todos os tempos e países têm aprendido e aprendem a andar corretamente e falar com perfeição a respectiva língua materna.

Nesta aprendizagem não intervém qualquer lição, qualquer regra. Os erros acidentais de alguns adultos são sempre superados e corrigidos pelas conquistas experimentais da vida. Os resultados revelam-se tão perfeitos, que nenhum outro método tem conseguido melhores. (FREINET, 1977, p.22-23)

O método de Freinet consiste em deixar a criança desenhar livremente, até que surge a primeira semelhança e assim nasce o primeiro êxito, que a criança repetirá até o automatismo, este é o processo pelo qual o desenho deve passar: êxito, repetição e automatismo.

Com relação ao método experimental, Sampaio (1994, p. 217) descreve como um “[...] trabalho de pesquisa reflexiva no ritmo próprio de cada aluno, sem a interferência do professor. As descobertas que a criança faz sozinha são as mais importantes e às vezes o professor, pensando ajudar, queima etapas e muitas vezes desinteressam as crianças.”

Nesse sentido, o austríaco Viktor Lowenfeld, escreveu alguns livros defendendo sob uma série de argumentos a livre expressão e a espontaneidade na produção do desenho infantil. Lowenfeld (1977, p.76) sugere “[...] deixar que a criança desenvolva sua própria técnica, mediante a experimentação” e destaca:

O desenho representa muito mais que um exercício agradável, no período infantil. É o meio pelo qual a criança desenvolve relações e concretiza alguns dos pensamentos vagos que podem ser importantes para ela. O desenho livre torna-se uma experiência de aprendizagem. (LOWENFELD, 1977, p. 159).

Freinet (1977, p. 28,) afirma, “[...] por este processo sem regra preestabelecida, sem cópia de modelos, sem qualquer explicação exterior, a criança atinge experimentalmente o domínio do desenho”. A partir desse momento, sabe caminhar, e não são as explicações que irão modificar a sua maneira de andar; sabe falar e não terá mais do que aperfeiçoar a sua arte;

sabe desenhar e pintar e poderá enfrentar experimentalmente quaisquer dificuldades que dominará segundo os mesmos processos.

O método da expressão livre, cujas virtudes foram anunciadas, não é como se vê, alerta o autor, uma simples fórmula de arte espontânea onde o educador se limita a observar e a deixar seguir. O processo pressupõe uma reviravolta total da técnica educativa; em vez de situar-se no início da aprendizagem o estudo sistemático das leis e das regras, insere-se a tentativa experimental. O estudo das regras e das leis só virá mais tarde, quando o indivíduo tiver transformado as suas experiências em indelévels técnicas da vida.

Nota-se que o livro em questão faz um paralelo entre a evolução do desenho e a evolução da linguagem, isso para não desviar do caminho de sua primeira obra “O método natural I: a aprendizagem da linguagem”. É importante ressaltar que nessa mesma linha Freinet escreve três volumes, com foco na descrição de seu método natural, denominados aprendizagem da linguagem, do desenho e da escrita.

Com relação ao método natural do desenho, foco do nosso estudo, Freinet (1977, p.33) escreve que nas escolas cujo método de aprendizagem é o tradicional, a criança desenha para aprender a desenhar, isto é, para copiar exatamente um modelo ou para realizar um esboço cotado, e que o desenho aprofunda a observação e cultiva o sentido do gosto e da harmonia. “Não nos surpreendamos se, com tais motivações e finalidades tão estreitamente utilitárias, a escola não avança muito neste domínio”.

Freinet em outros trabalhos mostrou e provou pela prática que a expressão escrita infantil, surge e evolui exatamente segundo o mesmo processo que preside ao aparecimento e ao desenvolvimento da linguagem. Deste modo, este livro, nosso objeto de estudo, tem por objetivo, segundo o autor, demonstrar que a expressão gráfica nasce e cresce em consonância com o mesmo processo da expressão oral e escrita.

Assim como Freinet, outros autores associam as funções da linguagem e da escrita com o desenho. Para Vygotsky (1995, p.183), “[...] a escrita tem uma pré-história, em que devem ser considerados como precursores o gesto infantil, as primeiras expressões do desenho e o jogo simbólico”.

Luria (1988), nessa mesma linha de pensamento, escreve a respeito de estágios passados pelas crianças no processo de aquisição da leitura e da escrita e sua relação com a representação gráfica. Segundo o autor, a fase pré-instrumental ou imitativa caracteriza-se pela ausência da utilização da escrita como instrumento a serviço da memória; na fase escrita topográfica, a criança começa a fazer diferenciações primárias relativas ao significado das

palavras; na fase escrita pictográfica, a criança registra diferenciações presentes nos atributos do conteúdo, o signo é simbólico e atua agora como mediador da memória e não mais como uma representação em si mesmo; já na fase escrita simbólica, a criança deixa de representar núcleos de significados e passa a desenhar a própria fala utilizando núcleos convencionais.

Freinet (1977), ao escrever sobre os primeiros grafismos, relata que a criança começa por conhecer os instrumentos para a produção do primeiro traço, o lápis, giz, esferográfica, entre outros. Em seguida vem à repetição dos grafismos conseguidos, neste momento, a criança já segura o lápis com mais segurança e começa a repetir o ato que realizou com êxito, ou seja, repete o desenho que conseguiu realizar anteriormente.

Deste modo, pode-se dizer que embora o método de Freinet seja de tentativa experimental é de fundamental importância que ocorra medição dos adultos e, sobretudo, do professor, pois é necessário que o professor note a evolução do desenho da criança, para que ela continue a desenhar e aperfeiçoar seus traços.

Ainda sobre as primeiras produções gráficas infantis, Freinet (1977) escreve que se a criança se encontra em um ambiente no qual não se presencia ninguém desenhando, não se vê adultos ou mesmo outras crianças servirem-se de um lápis, se não tem alguém à sua volta que dê atenção às suas primeiras produções, experimentará menos intensamente e menos depressa o sentimento do êxito por meio do desenho. Terá menos tendência para utilizar o desenho como meio de ação sobre o ambiente e, mais tarde, como forma de expressão.

Freinet (1977, p. 70) ressalta a importância que o meio exerce na tentativa do desenho infantil, ao afirmar que o “[...] meio infantil mais do que o adulto, tem uma importância extrema. É preciso que o adulto não só tolere e aceite, mas também apóie a expressão pelo desenho e ponha à disposição da criança os instrumentos de que ela precisa.”

Mas o próprio exemplo adulto, segundo Freinet (1977), revela-se menos determinante do que o exemplo infantil, pois, basta que, em uma turma, uma criança desenhe homens vivos e bem conseguidos, mesmo que se limitem a uma cabeça evoluída e a longas pernas orientadas, para que todos os outros alunos que se achem numa fase próxima da sua adaptem o mesmo grafismo durante algum tempo. Se uma das crianças descobre as orelhas e os dedos, as outras tenderão a imitá-la e a acrescentar orelhas e dedos aos seus bonecos.

O autor relata as etapas que o grafismo infantil passa rumo à expressão pelo desenho, como por exemplo, a bifurcação, justaposição e a explicação a posteriori. Ao começar desenhar pelo método da tentativa experimental, a criança depara-se com a fase da bifurcação, que, segundo Freinet (1977), é o momento em que se descobre que ao desenhar não

necessariamente precisa-se imitar alguém, quem desenha pode fazer suas próprias tentativas, e ainda à criança descobre que com seu desenho pode interagir com o meio. Superando essa fase, passa-se para a justaposição do grafismo, ou seja, a criança enche uma folha com vários desenhos com o intuito de aperfeiçoar seu traçado.

Quanto à explicação a posteriori, Freinet (1977) afirma que o adulto tem como tendência diante do desenho perguntar: o que é? Como desenhou? De quem é a casa? O que o homem está fazendo no desenho? Entre outras perguntas. Desse modo, a criança acha-se obrigada a dar explicações sobre o conjunto executado e que, muitas vezes, não passaria de um exercício conducente ao automatismo.

É fácil notar que tais perguntas desencadeiam um segundo processo inteiramente diferente, o da explicação verbal. “Esta explicação não possui, por vezes, qualquer relação com o desenho”, ou seja, a explicação a posteriori, constitui uma espécie de projeção do pensamento infantil sobre o desenho, e não, como levou-se a crer, uma explanação e uma justaposição lógica do grafismo. (FREINET, 1977, p.76).

Segundo Freinet (1977), a criança nunca tenta nos seus grafismos livres copiar servilmente quaisquer modelos, tal perfeição e tal cópia jamais constituem para ela um objetivo. O seu objetivo é adquirir técnica da palavra para entrar em relação com o meio, agir sobre ele e se possível dominá-lo, para se exprimir.

Para dar início à discussão a respeito da escala dos desenhos infantis (ANEXO) apresentada por Freinet (1977), é importante destacar que a experiência por tentativa processa-se, tanto para a linguagem como para o desenho, por intuição empírica e por comparação das relações entre as palavras, entre os objetos e, finalmente, entre os elementos da ação. A ação tende a desenvolver-se no sentido dos atos conseguidos cuja repetição se automatiza e fixa em regra de vida.

Estas observações esclarecem sobre a importância primordial que se deve reconhecer aos primeiros anos da infância, ao período da construção das regras de vida deste primeiro andar do qual dependerão a rapidez, a solidez, a estabilidade e a resistência da construção interior.

Deste modo, a criança mais evoluída, no que toca ao desenho, não é de forma alguma a que desenha segundo as leis da escola tradicional, colocando os olhos e as orelhas nos lugares devidos, articulando os braços nos ombros dos bonecos e respeitando as regras da perspectiva, mas a que dá vida às suas personagens.

E é esta vida que devemos, tal como nos textos livres, reaprender a detectar, a apoiar e a valorizar para que a criança possa palmilhar com segurança o êxito a estrada real ao longo do qual tentamos fazer desabrochar-lhe a personalidade. (FREINET, 1977, p.94).

A escada do desenho que Freinet nos apresenta, comporta para cada degrau, os dois tempos da tentativa experimental, o êxito e a repetição do êxito até o indivíduo dominar-lhe o mecanismo e haver automatizado a técnica. Nesse momento, avança-se outro passo, seguido de novo exercício conducente ao automatismo. A seguir outro êxito com novo patamar de repetições automáticas. Sobre esses patamares na tentativa do desenho, Freinet escreve:

A tentativa faz-se por patamares, em cada patamar, a criança consolida a sua experiência até automatizá-la. Na aprendizagem do desenho, assim como na aprendizagem da língua e da escrita esses patamares se realizam. “No desenho o grafismo é realizado pela criança, então acontece à repetição desse grafismo para automatizá-lo, ocorrendo o início de uma nova etapa a partir do primeiro patamar, novo triunfo, nova repetição, etc.” (FREINET, 1977, p. 48).

Freinet (1977) afirma que se a criança se encontra na fase da pura e simples justaposição dos grafismos, pode-se concluir que ela possui uma idade “gráfica” de 4 anos. Quanto ao processo gráfico, pode-se medir o ritmo que o sujeito sobe na escada, ou seja, “um indivíduo a quem basta repetir uma ou duas vezes um gesto para automatizá-lo é muito inteligente. Menos inteligente será outro que precisa de 50 ou 100 repetições para aprendê-lo” (FREINET, 1977, p.97).

Os métodos naturais situam-se no centro dos múltiplos esforços da criança para afirmar a sua personalidade, por meio das vicissitudes dos primeiros anos de existência. Juntamente com inúmeros outros documentos de expressão livre, o desenho pode surgir então como um teste particular, altamente flexível e sutil, válido para interpretação da personalidade psíquica do sujeito.

O mérito da primeira escada de desenho reside no seu dinamismo, na sua inserção no processo do comportamento infantil. Evita assim os perigos de um controle automático pela sistematização dos símbolos reconhecidos como válidos para uma determinada idade. A nossa escada enfatiza Freinet (1977), não conduz a uma classificação etária, visto que a idade não constitui necessariamente um fator determinante da riqueza de conteúdo do grafismo nem da sua perfeição.

Afirma o autor que a nova concepção de inteligência como permeabilidade à experiência orientou para a ideia de patamares sucessivos, com efeito, os degraus da escada de desenho informam sobre a rapidez da tentativa experimental nas suas diversas etapas; ato conseguido, repetição do desenho conseguido e automatismo gráfico, após o que se procura um novo sucesso pessoal e passa ao patamar seguinte.

Quanto mais depressa à criança sobe os degraus da aprendizagem, isto é, quanto mais são os atos conseguidos que se automatizam, mais rapidamente liberta uma nova energia que lhe permitirá continuar velozmente a sua ascensão para a eficiência. (FREINET, 1977, p.106).

Segundo Freinet (1977, p.108), o objetivo desta primeira parte do livro era descrever e explicar um método natural de desenho exatamente comparável, nos seus processos, ao seu método natural de leitura, por sua vez inspirado nos princípios universais do método natural de aprendizagem da língua materna. “Nesta aprendizagem, como em todas as outras, a simples explicação teórica e o estudo formal das regras e das leis não bastam para fundamentar algo de sólido, de lógico ou de definitivo.”

No segundo capítulo do livro, intitulado “As Gêneses do desenho”, Freinet (1977) pontua que a escada de desenho (de 1 a 7 anos), tem por objetivo mostrar como o jovem desenhador consegue, por tentativas reajustadas, vencer as dificuldades encontradas na aprendizagem do desenho. Essas dificuldades, sensivelmente iguais para todas as crianças, são representadas pelos degraus da escada. Cada degrau corresponde a uma etapa vencida que a criança repete até mecanizar e automatizar.

É importante salientar que os desenhos apresentados no livro são fruto de uma coleção de desenhos livres realizados nas classes Freinet, ou escolas que seguiam o pensamento de Freinet. As crianças desenhavam pelo método natural, sem regras, feitos de maneira espontânea sob o olhar atento dos professores, ou seja, trabalho com o desenho livre, na qual a escola não ensinava previamente nenhum princípio básico do desenho.

Com relação à Gênese dos Cavalos, o autor afirma que as crianças optam por desenhar este animal, do que muitas vezes animais mais comuns como o caso dos cães, essa predileção de deve, todavia, pelo fato da criança conseguir desenhos expressivos e artísticos a partir dos cavalos. Devemos considerar essa preferência ao cavalo, pelo fato deste animal ser comum na época, as crianças observavam os cavalos diariamente cavalgando pelas ruas, o que hoje não é comum. Freinet acrescenta:

[...] o cavalo é elegante, possui uma cabeça expressiva e inteligente, as patas altas e erguidas permitem-lhe trotar e galopar, Pode ser selado e transportar um cavaleiro sempre diferente: um homem de armas, um simples camponês ou uma criança. (FREINET, 1977, p.346).

Iremos agora observar os grafismos infantis pela ótica do método da tentativa experimental, começando pelo nascimento do animal, seu crescimento, a cabeça, as patas, a calda, o cavaleiro e a sela.

O nascimento do cavalo:

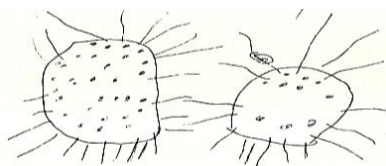


Figura 1 (criança de 3anos e 2 meses)

FREINET, 1977, p. 347.

Com 3 anos e 2 meses a criança desenha o cavalo como o vê. Esta é a primeira expressão correspondente à realidade da vida da criança desta idade. Identifica-se pouco a pouco os elementos que mais impõem à atenção ativa da criança.

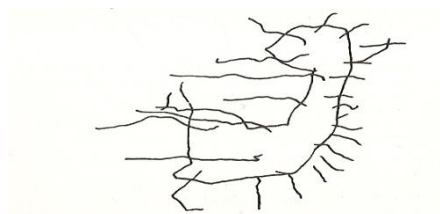


Figura 2 (criança de 3anos e 10 meses)

FREINET, 1977, p. 348.

O cavalo vai ganhando formas, com cabeça, patas e cauda. Os olhos também aparecem, o nariz e a boca.

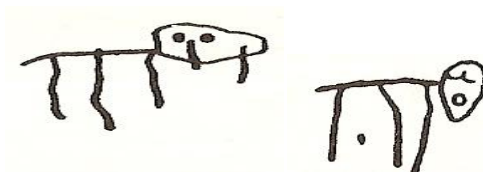


Figura 3 (criança de 3 anos e 11 meses)

FREINET, 1977, p. 351.

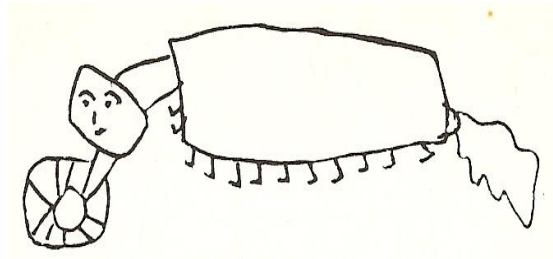


Figura 4 (criança de 4 anos e 3 meses)
FREINET, 1977, p. 354.

O número de patas equilibram-se, a criança começa perceber que em seu desenho o cavalo aparece com mais patas do que ela o vê, e então começa a aproximar a quantidade de patas.

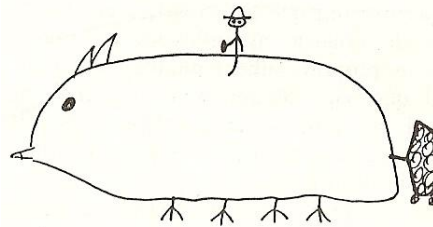


Figura 5 (criança de 4 anos e 2 meses)
FREINET, 1977, p. 355.

Entre os 4 e os 5 anos, a criança molda os meios gráficos a seu jeito, numa recriação que destaca os elementos referentes à estatura, ao movimento e à vida do animal. Ninguém sabe como se traduzem os êxitos nessa fase. Freinet (1977) escreve que encontramos no domínio misterioso do pensamento profundo e da sua expressão por intermédio daquilo a que se chama arte, à falta de outra justificação.

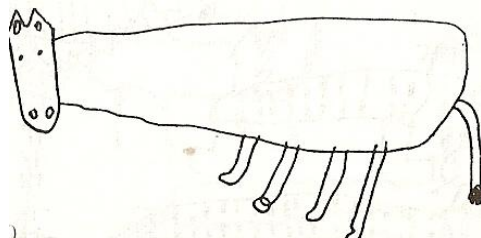


Figura 6 (criança de 5 anos e 8 meses)
FREINET, 1977, p. 357.

Até aos 6 anos não encontra-se arreios. O cavaleiro monta diretamente sobre o dorso do cavalo, as selas começam a aparecer em geral a partir dos 6 anos.

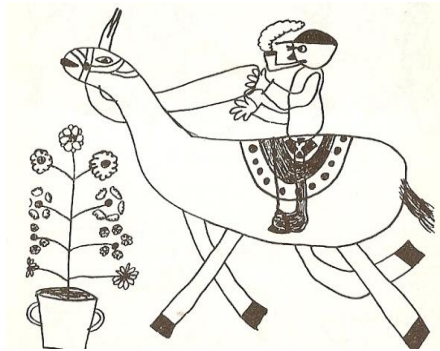


Figura 7 (criança de 6 anos e 2 meses)
FREINET, 1977, p. 367.

Aos 7 anos o cavalo aparece como um animal elegante, grande e com postura, assim como a criança o vê.

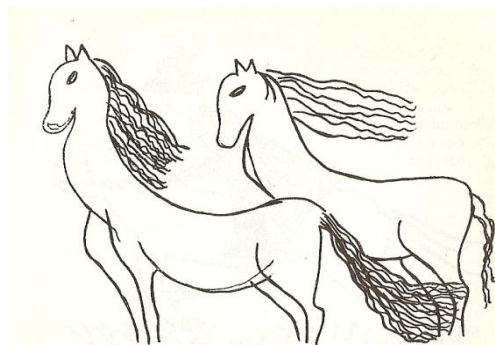


Figura 8 (criança de 7anos e 2 meses)
FREINET, 1977, p. 377.



Figura 9 (criança de 9 anos e 8 meses)
FREINET, 1977, p. 378.

Os desenhos dos cavalos, no método experimental defendido por Freinet (1977), do desenho livre e sem regras pré-estabelecidas, passam por diversas etapas como apresentado anteriormente. A criança começa por desenhar o cavalo como ela o vê, a partir do primeiro ato conseguido surge a repetição do desenho e o aperfeiçoamento por meio da própria iniciativa do aluno. Deste modo, Freinet (1977) escreve sobre a importância do desenho livre, aquele que apresenta um verdadeiro significado para quem o produz, e não o realizado sobre os métodos tradicionais de cópia e regras. Quanto à comparação dos métodos tradicionais com os da Escola Nova, Saviani destaca:

[...] a nova maneira de entender a educação desloca o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. (SAVIANI, 1983, p.9).

Deste modo, Freinet valoriza a iniciativa infantil no desenho, não permitindo direcionamento ou oferta de modelo. Considera que todas as crianças são capazes de criar e sua criação deve ser valorizada. Freinet (1977, p.382) apresenta que a totalidade destes desenhos, reunida segundo uma ordem que se impôs como por si própria, concretiza a crescente capacidade da criança para se apoderar e utilizar do símbolo do cavalo. “A habilidade gráfica adquirida pouco a pouco testemunha a ótima qualidade da aprendizagem do desenho proporcionada pelo processo da tentativa experimental.” Portanto, é educando o cavalo que o cavaleiro educa a si mesmo, na sensibilidade dos movimentos de aproximação e na harmonização das regras do domínio que se concretizam os fundamentos mais delicados de uma educação solidamente baseada nas leis da natureza.

Conclusão

Conclui-se por meio desta pesquisa, que o século XX foi um período de muitas transformações educacionais, tanto na França, país no qual o livro foi escrito, como em todo o mundo, inclusive no Brasil. O século XX foi marcado pela retirada do protagonismo da

família na educação das crianças e dos jovens, função delegada agora às instituições de ensino. A escola, nesse contexto, centra-se em proporcionar unificação social, mediante o papel de socialização do conhecimento, ou seja, a escola assumiu um papel determinante na vida social e na organização política da contemporaneidade, um papel de fortalecimento da vida coletiva.

No período do século XX, surge na história da pedagogia um movimento denominado Educação Nova, neste momento tanto as ciências humanas como as instituições educativas burguesas colocaram a criança no centro da pedagogia, com isso a infância começa a ser vista como idade que exige cuidados diferentes em relação à idade adulta, as crianças são portadoras de valores próprios.

No Brasil, o movimento da Escola Nova, foi formalmente apresentado em 1932, por um grupo de intelectuais por meio do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Esse movimento defendeu a importância da educação para o progresso nacional brasileiro.

Freinet escreveu seu livro “O método natural II: a aprendizagem do desenho, neste século de mudanças, sua obra foi planejada para divulgar o método natural do desenho e a importância da criança desenhar livremente.

Observa-se na obra de Freinet que seu método do desenho consiste em deixar a criança desenhar livremente, até que surge a primeira semelhança e assim nasce o primeiro êxito, que a criança repetirá até o automatismo, este é o processo pelo qual o desenho deve passar: êxito, repetição e automatismo. Este método segundo o autor é aquele sem regra preestabelecida, sem cópia de modelos, sem qualquer explicação exterior, a criança atinge experimentalmente o domínio do desenho. Deste modo, aprende a desenhar e pintar e poderá enfrentar experimentalmente quaisquer dificuldades que dominará segundo os mesmos processos.

Nota-se que a tentativa experimental faz-se por patamares, em cada patamar, a criança consolida a sua experiência até automatizá-la. Na aprendizagem do desenho, assim como na aprendizagem da língua e da escrita esses patamares se realizam. “No desenho o grafismo é realizado pela criança, então acontece à repetição desse grafismo para automatizá-lo, ocorrendo o início de uma nova etapa a partir do primeiro patamar, novo triunfo, nova repetição, etc.” (FREINET, 1977, p. 48).

Com análise do livro percebe-se que Freinet trata o desenho infantil com conteúdo importante na medida em que é uma atividade de expressão livre, que antecede a escrita. E por meio do desenho a criança pode se expressar e interagir com o mundo que a rodeia. E o

método da tentativa experimental de acordo com o autor é universal, é por meio dele que crianças de todos os países aprendem não só desenhar, mas andar, falar e escrever.

É importante destacar que Freinet defendia o desenho como fundamental para a formação da criança, na medida em que contribui com a livre expressão, a iniciativa infantil e o aperfeiçoamento da escrita, hoje muitas escolas ainda ignoram o papel do desenho livre. Percebe-se que alguns professores utilizam o desenho como atividade sem foco, sem objetivo, e não estabelecem uma relação entre o desenho e a escrita, relação esta que Freinet defendia como ponto fundamental.

Enfim, pode-se concluir que o método de Freinet da tentativa experimental ganhou destaque e estudo em todo o mundo, e embora esse método seja de desenho livre é de fundamental importância que ocorra mediação dos adultos e, sobretudo, do professor, pois é necessário que o professor note a evolução do desenho da criança, para que ela continue a desenhar e aperfeiçoar seus traços. E, sobretudo, que ela continue desenhando para expressar algo, desenhando com prazer, o que gosta e o que sente.

Referências

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Educação e Política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In: LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (Orgs). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo. Editora da UNESP, 1997.

CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey, a outra face da Escola Nova no Brasil. In: GHIRALDELLI JR., Paulo (org.). **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREINET, Célestin. **O Método Natural I - A aprendizagem da Língua**. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

_____. Célestin. **O Método Natural II - A aprendizagem do Desenho**. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.

_____. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GRANZOTTO, Fabiana Marchesi. **Quem foi Freinet.** Disponível em: <<http://freinet.org.br/ohomem.htm>> acesso em: 12 abril de 2011.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Pensando a Educação nos Tempos Modernos.** 2 a. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LURIA, Alexander Romanovich. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação:** da Antiguidade aos Nossos Dias. 3 ed. São Paulo, Cortes, 1989.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. **A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao Povo e ao Governo.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio. et al. **O Brasil Republicano.** São Paulo, 1978.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. **Pedagogia Freinet:** natureza, educação e sociedade. Campinas: Unicamp, 1995.

OLIVEIRA, Magda Sarat. Fundamentos filosóficos da educação infantil. In: Saveli, E.; Althaus, M.T.M.; Tenreiro, M.O.. **Infância e educação na obra de Freinet.** Maringá: EDUEM, 2005.

SAMPAIO, Rosa Maria W. Ferreira. Freinet. **Evolução Histórica e Atualidades.** São Paulo: Scipione, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas.** Vol. III. Madrid: Visor, 1995

XAVIER, Libânia Nacif. **Para além do campo educacional:** um estudo sobre o Manifesto dos pioneiros da Escola Nova. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

ANEXO

<p style="text-align: center; margin: 0;"> ESCADA DE DESENHO DE 1 A 7 ANOS </p>		
	Desenho, Expressão infantil	700 610 608 606 604 602 600 510 508
	Complementos dos grafismos justapostos	506 504 502 500
Ligação dos grafismos justapostos		410
Simple explicação a posteriori		408
Justaposição de grafismos		406 404
Evolução simultânea dos elementos isolados e justapostos		402 400 310 308
	Bifurcação possível para a escrita	306 304 302 300
	Sistematização dos primeiros êxitos	210 208
	Desenho, meio de acção sobre o ambiente	206
	Primeiro êxito especializado	204 202
	Primeira repetição do grafismo conseguido	200 110
	PRIMEIROS GRAFISMOS	108 106 104 102 100